

MIGUEL GALLY DE ANDRADE

***KOMBOIO, KOMBEIRO... DOIS ANOS DE VIDA,
MUITO A PENSAR, MUITO A CRIAR!***

Miguel Gally, Universidade de Brasília.

Antes mesmo de sua primeira aparição oficial, na exposição *Aberto Brasília* (2011), *Komboio* tem feito parte da cidade de Brasília. Na área externa do Museu Nacional, improvisadamente em um festival de música semanas antes de surgir no Centro Cultural Banco do Brasil no primeiro dia do *Aberto*¹, ou ainda, depois que a exposição acabou, no terreno da Universidade de Brasília (UnB), sede quase oficial do coletivo de artistas que deu origem a esta obra: *Corpos Informáticos*². *Komboio* (2011) passeou e surfou pela cidade também, e não duvido que tenha até saído de Brasília em busca de novas experiências... Mas o que diz - *Komboio*? Essa obra que fica aqui e ali, passeia e que pode até ter experiências fora da cidade onde nasceu...



Fotos http://corpos.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

¹http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2011/06/24/interna_revista_correio.258370/assim-bem-ccbb.shtml

²http://corpos.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

MIGUEL GALLY DE ANDRADE



Foto: Miguel Gally, 2012.

Para os mais desavisados, *Komboio* é uma kombi ou um conjunto delas. Com rodas, não se movendo. Sem elas e se movendo por aí com a força de pessoas. Todas as carcaças estão embelezadas com pinturas, desenhos, palavras e até frases, às vezes servindo de roupas para pessoas, às vezes de roupas para árvores que crescem dentro de algumas delas. Mas esse aspecto da cobertura é insuficiente, embora importante, para ver o *Komboio*. Hoje as kombis estão plantadas, tombadas, sentadas à beira da L4, na UnB. No começo, era uma, agora já são cinco ou mais. Outro aspecto importante para ver ou dizer tal obra poderia ser uma associação inevitável que fazemos em tempos de crítica ecológica entre a retirada de automóveis das ruas e o plantio de árvores; ou a busca por uma neutralização dos efeitos dos automóveis por árvores cada vez mais presentes, até o ponto de se imaginar árvores em automóveis. Nisso pensou certamente o artista Pablo Rivera, que em 2004 deu origem a um projeto no Chile, circulando com uma kombi carregada de árvore e outras espécies vivas pela cidade dando a origem à obra *Protótipo para uma vida melhor #1*,

MIGUEL GALLY DE ANDRADE



Fotos: <http://www.fundacaobienal.art.br/7bienalmercosul/es/pablo-rivera>.

que recebeu o nome de *Paisage Fragmentado* quando fez parte da Bienal do Mercosul em 2009, exposta então como um registro da intervenção da qual teve origem.



Foto: Miguel Gally, 2009

MIGUEL GALLY DE ANDRADE

Nisso também os membros do grupo Bijari parecem ter pensado com *Ônibus Verde* (2010), compondo temporariamente o Festival de Música SWU de Paulínia, em 2011:



Fotos: <http://www.bijari.com.br/art/onibus-verde-swu/>

Mas temos motivos para desconfiar que, para *Komboio*, essas são apenas possibilidades marginais de compreensão do alcance que ela se propõe.

Lembremos que Brasília foi projetada por Lúcio Costa depois da invenção dos automóveis, ou seja, uma cidade criada levando em conta relações complexas com esses objetos ainda estranhos ao homem. Ainda, que, se hoje qualquer apologia do automóvel pode ser ridicularizada em virtude de argumentos ecológicos, em meados dos anos 50 os carros assustavam muitas vezes por acidentes hoje considerados bobos. Não por colocar em risco gerações futuras por causa das suas emissões poluentes. O que quero dizer é que Lucio Costa quis integrar o carro à cidade e mais: quis integrar o carro à família! Chegando mesmo a pensá-lo como mais um membro da família, numa espécie de humanização desse ser novo, barulhento e violento:

“(...) não se deve esquecer que o automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família. Ele só se desumaniza, readquirindo *vis-à-vis* do pedestre feição ameaçadora e hostil, quando incorporado à massa anônima do tráfego. Há então que separá-los, mas sem perder de vista que em determinadas

MIGUEL GALLY DE ANDRADE

condições e para comodidade recíproca a coexistência se impõe” (*Brasília, cidade inventada*, ponto 8)

O que, no fundo, é também o início remoto de algo que vivemos intensamente quando se fala em humanização das tecnologias; em tecnologias sensíveis ou inteligentes, fazendo referência a dispositivos e sensores eletrônico-digitais que nos integram ao mundo das máquinas. Se pensarmos assim, o automóvel faz parte de Brasília não apenas por causa da imagem de modernidade e desenvolvimento, ou da percepção de uma cidade planejada para ser experimentada em uma velocidade diferente daquela do pedestre.

Desse modo, automóvel compõe a cidade esteticamente, mas há também implícita uma necessidade ética aí! Essa composição é vista pelo coletivo *Corpos Informáticos* como quase uma integração orgânica da arte na cidade, não uma mera intromissão externa, como se atribui às vezes ao poder de intervenção das artes quando se remete a uma arte disposta em local público. Entretanto, essa organicidade não quer perder em potencial crítico e é por isso que o automóvel escolhido não foi um fusca ou um landau ou qualquer outro, mas uma kombi. E essa escolha não tem a ver somente com o fato de ser um automóvel que cabe muita gente ou árvore dentro e que pode ser bem “plantada”, porque deixa boa parte da sua estrutura de fora.



Foto: Miguel Gally, 2012

MIGUEL GALLY DE ANDRADE

Daí facilmente se poderia conectar a escolha com fato de o coletivo *Corpos Informáticos* ser um coletivo de artistas, no qual a autoria da obra já é uma questão antes mesmo de se criar qualquer coisa, pensando em tempos de participação e integração cada vez mais radical entre os continentes antes separados da criação e da recepção. Outro ponto não menos importante é o lugar escolhido, penso não na beira da L4, mas, sobretudo, no finzinho de uma rua dentro da UnB que não leva a lugar algum... ou melhor, leva exatamente para *Komboio*. Tudo isso são elementos que ajudam a entender e perseguir as ideias e reflexões que essa obra suscita... mas voltemos para a escolha do automóvel.

Enfim, não é qualquer automóvel, porque somente em muitas kombis todas essas ideias que são a(s) vida(s) do *Komboio* se tornam ainda mais vigorosas, se tornam um coletivo de coletivos, um comboio de kombis, enfim, um *Komboio* estático fisicamente – *Kombeiro* – mas dinâmico quando pensado. Cheios de provocações para quem chega perto e pode ler os registros ao mesmo tempo escancarados e enigmáticos do coletivo, ou para quem passa de carro se deixando tomar por aquela cena inusitada.



Foto: Miguel Gally, 2012

MIGUEL GALLY DE ANDRADE

A presença de *Komboio* ou do *Kombeiro* – como aparece na plaquinha instalada em frente às kombis - desvia o olhar e o pensamento de quem passa. E esse desvio não diz algo e pronto. Fica ali à espera de ganhar ainda mais vida daqueles que decidem fazer parte dessa aventura que é deixar-se desviar dizendo a arte sem dizer o que é arte. Essa inesgotabilidade da obra da arte se mostra ainda mais intensamente não somente no que a obra continua dizendo sobre nós e nossas vidas, mas nas infinitas possibilidades desta mesma obra se transformar no modo como aparece para nós, nas apropriações que ela permite, nos seus usos antes inimagináveis...



Fotos http://corpos.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

MIGUEL GALLY DE ANDRADE



Fotos http://corpos.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

...como a arte...e aqui, claro ela não se esgota, tem ainda as várias composições da performance *Bundalelê* do Corpos que usam Komboio e dão muito a *viajar*...